



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE

DOI: 10.17115

ISSN: 2358-8411

Scientific Journal



Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Nº 5, volume 6, article nº 12, May 2019

D.O.I.: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v6n5a12>

Accepted: 10/12/2018 Published: 30/05/2019

I SEMINÁRIO DE SAÚDE MENTAL DO NORTE E NOROESTE FLUMINENSE
– 27 A 30 DE NOVEMBRO DE 2018 – CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

THE DISPLACEMENT OF ACADEMICS AND ITS RELATIONSHIP WITH THE HELPLESSNESS

O DESLOCAMENTO DE UNIVERSITÁRIOS E SUA RELAÇÃO COM O DESAMPARO

Francisco Estácio Neto (Docente UFF)¹

Gisele de Araujo Gouvea Estacio (Docente UFF)²

Jordana de Sá Britto Silveira (Discente UFF/ESR)³

Abstract

The academic work seeks to identify the changes undergone in postmodernity and how these influence the subject, being the represented subject by academical who moved to Campos dos Goytacazes-RJ to continue his studies, beyond the interference of the “society of the spectacle”, “net modernity” and capitalism. The focus is on the changes undergone by the individual due to a new structure that is inserted and how identities are constructed after living together with new people, groups and places. This change of locality and separation the familiar can generate the helplessness. Using a methodology qualitative-quantitative for the analysis of interviews, besides a bibliographical approach, to understand the helplessness and the changes that university life generates.

Keywords: academical displacement; abandonment; university experience.

Resumo

O presente trabalho tenta identificar as mudanças sofridas na pós-modernidade e como estas influenciam o sujeito, sendo o respectivo sujeito representado pelo universitário que se mudou para Campos dos Goytacazes-RJ para continuar seus estudos, além das interferências da “sociedade do espetáculo”, “modernidade

¹ Docente do departamento de Psicologia UFF Campos

² Docente do departamento de Psicologia UFF Campos

³ Discente do curso de psicologia da UFF/ESR

líquida” e do capitalismo. O foco fica entre as mudanças sofridas pelo indivíduo devido a nova estrutura que este está inserido e em como se constrói as identidades após a convivências com novas pessoas, grupos e lugares. Essa mudança de localidade e afastamento do familiar pode gerar o desamparo. Utilizando metodologia quali-quantitativa para a análise de entrevistas, além de uma abordagem bibliográfica, para entender o desamparo e as mudanças que a vida universitária gera.

Palavras-chave: deslocamento universitário; desamparo; vivência universitária.

INTRODUÇÃO

Para entendermos como o fenômeno do desamparo acontece com o sujeito pós-moderno necessita-se antes conhecer o contexto histórico e cultural das sociedades em que o indivíduo se insere, sendo a pós-modernidade ou modernidade, não há um consenso entre os sociólogos sobre o termo. Pode-se dizer que o período histórico atual foi fruto do avanço de uma sociedade tradicional com estrutura baseada na fé e tradição, para uma sociedade racional derivada do iluminismo que visava uma humanidade emancipada pela razão, como também a consolidação do capitalismo, entretanto encontrasse no século XXI conciliação entre a sociedade tradicional e a pós-modernidade.

A mudança ocorrida no contexto sociocultural que aflorou no Ocidente devido às ideias iluministas, capitalistas e a globalização, na qual a autonomia e liberdade individual foram as grandes responsáveis pelo individualismo sendo uma fratura nas antigas crenças e concepções de mundo, para o homem emancipar-se este deveria desvencilhar-se do social. O ser narcísico é estimado na sociedade atual, no caso a sociedade do espetáculo (DEBORD, 1967), que cria a expectativa e necessidade de mostrar-se feliz continuamente, a imagem é o que importa. “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação” (DEBORD, 1997, p.13), podendo ser um dos agravantes do desamparo.

A Saúde Mental dos estudantes universitários começou a incitar pesquisas e estudos devido ao aumento dos casos relacionados a saúde mental desse grupo em específico, tendo seus possíveis gatilhos nas cobranças acadêmicas, familiares e

sociais, além claro das responsabilidades financeiras e alto nível de stress e ansiedade sentido por estes jovens, pois alguns encontram-se vulneráveis neste período. Afinal o próprio indivíduo, como a sociedade e em muitos casos a família cobra o sucesso, e a faculdade seria o primeiro passo para conseguir a tão sonhada carreira bem-sucedida, muitos acabam adoecendo nesse percurso, buscando o sonho criado pela sociedade capitalista.

O desamparo e mal-estar sentido por alguns desses jovens acadêmicos pode ter influências sobre sua saúde, mas um outro agravante que será o enfoque deste trabalho é como os acontecimentos durante o caminhar acadêmico dos jovens universitários criam formas de lidar ou não com o afastamento de seus responsáveis, familiares e amigos devido à mudança de localidade para cursarem universidades em Campos dos Goytacazes-RJ.

Através de uma metodologia quali-quantitativa para a análise dos dados referente a dez entrevistas feitas com estudantes de diferentes universidades, que optaram por mudarem-se para Campos dos Goytacazes-RJ para continuar o ensino superior e a utilização de fundamentação bibliográfica para tal análise, buscando chegar a uma hipótese dos motivos para o desamparo e de como evita-lo.

DESAMPARO E MAL-ESTAR

A palavra alemã “Hilflosigkeit” utilizada por Freud e apresentada no “Projeto para uma Psicologia Científica” (1895), pode ser traduzida literalmente como ausência do outro, abandono, incapacidade que conseguir resolver situações, estado de desamparo. Uma das circunstâncias do desamparo expostas pelo autor trata-se do caso do recém-nascido, um ser completamente impotente fisicamente e psicologicamente, sua sobrevivência depende do outro, precisando que suas necessidades sejam atendidas, sua breve vida depende do amparo do outro, neste caso o amparo da mãe, sendo sua primeira fonte de desejo, sua primeira tensão pulsional, e que mais tarde terá que abrir mão.

O caso do recém-nascido para Freud (1895), seria a situação originária do desamparo, pois o ser humano nos primeiros meses de vida depende totalmente do outro, sendo um padrão da espécie humana, essa dependência do outro repete-se nas experiências e perdura em situações futuras, através dessas repetições que se

dá o sentido de experiência originária. Essa primeira situação originária do desamparo constitui as futuras formas de desamparo no homem, o desamparo não ocorre apenas na primeira fase da vida, pode surgir em qualquer estágio de vivência do ser.

O ser dependendo do desejo do outro, um indivíduo acaba sendo produzido pelo desejo do outro. Em Lacan pensamos a relação entre sujeito e objetos inseridos na realidade, sendo o desejo dependente do outro, o desejo se constrói a partir do outro, "O desejo do homem é o desejo do Outro" (Lacan 1962-1963/2004, p. 32).

O desamparo seria a pior forma de solidão? Talvez, pois o sujeito pode não estar só fisicamente, mas intimamente está. O sentimento mais presente nesse estágio tende a ser a impotência, apenas o ser não basta para resolver suas necessidades, não há saídas que possa usar na situação que está inserido. Entretanto o desamparo abre a porta da alteridade, há uma urgência em relação ao outro, pedindo sua ajuda, porém nem sempre esse chamado é correspondido fazendo com que o ser permaneça desamparado e caminhe em direção ao desespero, "Somos seres que precisamos do outro para existir como humanos. Se nos falta ajuda, afeto, proteção, acolhimento, contenção, sentimo-nos desamparados" (BARROS, 2007, p.271).

A concepção do desamparo além de ser entendida como o estado de imaturidade infantil, foi fundamental para o aprimoramento da civilização, por consequência do medo humano em relação ao desamparo. Freud em "O mal-estar na civilização" (1930), traz grandes contribuições em como a cultura pode gerar o mal-estar, tenta decifrar as relações pulsionais e o social, e como a correspondência desses ocorre, expõe que a civilização faz com que o homem crie laços e os conserve de certa forma, fazendo com que os indivíduos se unam em grandes unidades, assim poderiam solucionar problemas, ultrapassar obstáculos com a ajuda do coletivo. Entretanto tendo que renunciar aos seus desejos pulsionais, não se importa com a realização desses desejos, na verdade para que o projeto da civilização triunfe torna-se necessário que o homem renuncie aos seus desejos, criando um mal-estar que não pode ser solucionado.

O ideal iluminista de ter a razão como peça chave para o progresso da civilização foi criticado por Freud devido ao grande poder de destruição que a razão científica conseguiu alcançar. As duas grandes guerras mostraram que não estamos

progredindo enquanto humanidade, foi uma mera ilusão iluminista, instaurou-se com o advento científico o sentimento de finitude e o de não se ter poder do que possa estar por vir.

O mal-estar não está relacionado apenas às práticas coercitivas relativas à sexualidade. Sujeito e civilização estão sempre enfrentando-se na busca por espaço de expressão, não sendo a melhor das relações, “Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo seu próprio castigo” (FREUD, 1930/1996, p.85).

Freud (1930) nos alude três fontes de sofrimento nas quais o sujeito seria suscetível: a degeneração do corpo, os contratempos da natureza e as relações entre os indivíduos, sendo a última a maior causa de sofrimento e também um fator crucial no desamparo.

Na concepção de autores como Bauman (2001; 2005) e Birman (2006) o indivíduo vivencia mudanças muito rápidas, efêmeras e segmentadas. As relações têm se tornado mais instantâneas, não há profundidade, os laços antes baseados nas instituições que forneciam estabilidade ao indivíduo começam a fragmentar e enfraquecer. A liberdade individual adquirida na pós-modernidade teve seu lado negativo de certa forma, o sujeito é responsável tanto pelo seu sucesso como pelo seu fracasso individualmente, a grande liberdade adquirida faz com que este transpasse pelo desamparo em algum momento. Ser um sujeito pós-moderno quer dizer ser completamente capaz de enfrentar tudo sozinho, porém precisamos do outro, não há como resolver e viver sem laços.

Toda infelicidade e mal-estar acaba buscando alguma forma de escape, o indivíduo pós-moderno tenta de tudo que está ao seu alcance para pequenos momentos de falsa felicidade e êxtase, a indústria de fármacos a cada dia inventa um novo medicamento com o ‘marketing de felicidade’, novas drogas surgem a cada instante, religiões e cultos se propagam, as pessoas estão em busca de qualquer coisa que possa satisfazer sua infelicidade e o desamparo que sentem nesse mundo onde a comunidade não se importa com o indivíduo, o ser humano se sente sozinho mesmo cercado de pessoas e tecnologias.

SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E PÓS-MODERNIDADE

Em “A Sociedade do Espetáculo” (1967), livro que constitui um dos termos principais de Guy Debord, tudo que é vivenciado vira mercadoria de consumo, neste mundo superficial as relações são rasas, não se cria laços reais, “o mundo que se vê é o seu mundo” (DEBORD, 1997, p.30), o ser fica preso nesse mundo e não consegue ver nada além da sociedade do espetáculo, criando a ideia de que felicidade é fazer parte do espetáculo. Um tema extremamente atual quando transportado para as mídias sociais hoje, ter e ser aquilo que é exposto pelas mídias. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p.14), demonstrando na concepção do autor que a relação entre pessoas é superficial, sendo apenas aparência.

As pessoas querem tal mercadoria não apenas pelo valor de uso, mas pelo que este pode gerar no meio social, pela ilusão do que aquele produto te vende e sua aparência, não passando de uma grande manipulação social, indivíduos alienados e dominados passam a viver nesse mundo ilusório, em certos casos nem sabendo que são persuadidos e controlados.

(...) o uso sob sua forma mais pobre (comer, morar) já não existe a não ser aprisionado na riqueza ilusória da sobrevivência ampliada, que é a base real da aceitação da ilusão geral no consumo das mercadorias modernas. O consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é a sua manifestação geral. (DEBORD, 1997, p.33)

As sociedades Ocidentais na pós-modernidade instauraram o ideal de felicidade vinculado ao consumo devido o advento do capitalismo. Ao concretizar o desejo de consumo e garantir a imagem de ‘vida perfeita’, geraria a satisfação individual. Essas sociedades adquiriram liberdade individual e com ela a liberdade sexual, pois as antigas restrições tradicionais e religiosas tendem a fragmentar-se, fazendo com que as exigências pulsionais sejam satisfeitas. Porém nem todos podem satisfazer seu ideal de vida perfeita, desejos e exigências pulsionais, afinal as condições socioeconômicas interferem em suas demandas como as normas, regras e costumes. Debord (1967) é completamente crítico em relação a sociedade do espetáculo, mas não vê o que toda essa mediatização pode trazer aos indivíduos e ao coletivo.

No contexto atual a grande ferramenta para a sociedade do espetáculo tem sido as mídias sociais, pela facilidade de acesso 24 horas e pela ilusão criada por outras pessoas que expõem suas 'vidas perfeitas', logo quem é influenciado por essas mídias acaba fazendo a mesma coisa e atingindo outros telespectadores e internautas online.

Segundo Bauman (2001), os diferentes âmbitos das sociedades atuais e suas diversas sucessões de transformações tem por consequência desgastado e desfiado o tecido social. De acordo com Bauman todas essas variações e modificações ocasiona a perda de solidez das instituições sociais e liquefazem-se como líquidos.

Bauman revela em "Modernidade Líquida" (1999) que vivemos em um tempo qual o individualismo, a liberdade, a violência e as máscaras são constantes e disputam seu lugar, não há mais solidez nas relações sociais, os laços entre indivíduos são cada vez mais fracos.

(...) o aumento da liberdade individual pode coincidir com o aumento da impotência coletiva na medida em que as pontes entre a vida pública e a vida privada são destruídas ou, para começar, nem foram construídas; ou colocando de outra forma, uma vez que não há uma maneira óbvia e fácil de traduzir preocupações pessoais em questões públicas e, inversamente de discernir e apontar o que é público nos problemas privados. (Bauman, 2000, p.10)

Os jovens estão cada vez mais conectados em seus celulares, entretanto não quer dizer que estejam de fato em contato com o outro, as sociedades atuais estão perdendo as ligações profundas, tudo que temos é o superficial feito para ser idolatrado e seguido, estamos vivendo vidas onde o contato é feito por telas. Caracterizando um dos motivos de mesmo com toda a tecnologia que diz aproximar pessoas ter na realidade afastados os sujeitos, as pessoas não se abrem completamente pois não se sentem ouvidas. O desamparo tem a ajuda da pós-modernidade que não visa o bem-estar e a singularidade do ser, pensa apenas em consumo e vendas, um espetáculo, sem pessoas reais não há como se ter laços reais, nem o amparo do outro.

ESTAR FORA DE CASA

A pesquisa tentou compreender os sentimentos e experiências vivenciadas pelos universitários que se mudaram para Campos dos Goytacazes para cursar a universidade, sendo efetuado dez entrevistas com jovens de diferentes universidades situadas na cidade, para a preservação desses jovens nomes não serão expostos e todos os depoimentos são escritos na íntegra. O foco será as experiências vividas longe de casa e o desamparo sentido por estes jovens e os possíveis motivos para tal.

A faculdade pode ser uma época de descoberta intelectual e de desenvolvimento pessoal. Os alunos mudam em resposta ao currículo, que oferece novos insights e novas formas de pensar, a outros alunos que questionam antigas opiniões e antigos valores, à cultura estudantil, que é diferente da cultura da sociedade em geral, e aos docentes, que oferecem novos modelos de comportamento. (PAPALIA & FELDMAN, 2006)

Os indivíduos optaram por estudar em Campos dos Goytacazes por ser a cidade mais próxima de sua localidade anterior, fornecendo o curso que estes almejavam nas melhores condições possíveis. Suas localidades anteriores são relativamente próximas a cidade de Campos, os estudantes deslocaram-se de cidades como Macaé, Rio das Ostras, Conceição de Macabu e Italva, todas cidades do Estado do Rio de Janeiro, sendo cidades relativamente próximas, fazendo com que o contato com as antigas vivências e pessoas de sua convivência torna-se mais fácil e possível mesmo com a troca de localidade, tanto pelas poucas horas de viagem necessárias como por muitos conhecidos e amigos também terem mudado para Campos dos Goytacazes, facilitando o contato. Porém a grande maioria não volta todos os finais de semana para sua cidade, pois isso demanda dinheiro e a disponibilidade de tempo uma vez que estes jovens possuem responsabilidade e nem sempre podem deixá-las de lado para voltarem para sua cidade.

Autores como Días e Gómez (2007) consideram que a esfera acadêmica pode ser estressante caso não haja condições adequadas para o desenvolvimento saudável dos indivíduos, além de socialização e incentivos para a comunicação aluno-professor, familiar e com a própria sociedade. Quando isto não ocorre as chances de adoecimento dos jovens tornam-se mais propícias, o stress constante e sem uma forma de lidar com ele pode desestruturar emocionalmente os universitários e por vezes afastá-los das pessoas, criando situações de desamparo. Ao que refere a comunicação esta é fundamental dentro de qualquer meio social,

principalmente o acadêmico onde os sujeitos encontram-se mais vulneráveis, entender e abrir-se ao outro faz com que não diminua o sentimento de desamparo.

Tabela 1 - características dos participantes das entrevistas

SEXO	INSTITUIÇÃO	CURSO	SEMESTRE
F	ESTACIO	ENFERMAGEM	4
F	IFF	DESING	4
M	UENF	AGRONOMIA	2
F	UENF	FISICA	2
M	UENF	MED. VETERINÁRIA	7
F	UFF	CIÊNCIAS SOCIAIS	6
F	UFF	HISTÓRIA	4
F	UFF	HISTÓRIA	5
F	UFF	PSICOLOGIA	1
F	UFF	PSICOLOGIA	4

Fonte: Pesquisa

A adaptação para a maioria ocorreu bem em relação às responsabilidades domésticas, mas teve seus pontos de stress em relação às responsabilidades financeiras, acadêmicas e em alguns casos ao morar com outras pessoas completamente diferentes e com hábitos diversos. Nesta nova fase o universitário não possui o apoio direto dos responsáveis e em alguns casos quase nenhum apoio. Morar fora faz com que se aprenda a lidar com tudo que precise, a família não está ali para ampará-lo a todo momento, são muitas responsabilidades de uma só vez, além das obrigações com a universidade, podendo gerar um esgotamento e desânimo ao juntar todos esses acontecimentos sendo tão jovens e inexperientes.

O período inicial de adaptação, no caso o primeiro semestre para os entrevistados, teve sua parcela de tranquilidade para a maioria, pois estavam eufóricos e existia positivismo em estar morando longe de seus responsáveis, afinal este ainda é um dos maiores sinônimos de liberdade para qualquer jovem. Além de toda essa liberdade, das novas experiências, das novas relações com diferentes pessoas, grupos e lugares, o sentimento de independência entra em foco, tudo começa a depender apenas do próprio indivíduo, suas necessidades precisam ser

atendidas por si mesmo, não há o amparo do núcleo familiar a todo momento e nem dos amigos de longa data, em certos casos alguns amigos antigos também se mudam para a mesma cidade, modificando a situação de alguma forma.

Depoimentos das entrevistas:

“A adaptação foi tranquila, a maior coisa positiva é a liberdade de fazer as coisas da sua preferência e no seu tempo. O ponto negativo são as responsabilidades que temos que aprender a carregar, ter que fazer sua própria comida também.” (Design, IFF)

“A minha adaptação não foi tão fácil, tive que aprender a dividir quarto e lidar com as responsabilidades de não estar em casa e de morar com outras pessoas, tive que aprender a fazer tudo e tenho que ser responsável em estudar, não tem ninguém que me mande fazer nada, eu que tenho que me mandar fazer algo.” (Psicologia, UFF)

“O primeiro semestre foi o melhor! Conheci tanta gente e abri-me a novas experiências, me senti acolhida.” (Física, UENF)

O ponto positivo enunciado pelos jovens foi a liberdade, podendo decidir quando e como fazer suas coisas e tomar suas próprias decisões, a maioria não costumava ser tão livre antes, como sair em qualquer horário, ir a festas e bares. Essa liberdade em conjunto com novos lugares, situações e pessoas fez com que esses indivíduos criassem oportunidades de descobrir mais sobre si mesmos e a partir disso começaram a identificar-se ou não com certos grupos, criando novas identidades ou mantendo as que existiam.

O ponto negativo apontado pelos jovens foi a saudade, quando falaram sobre terem que resolver tudo sozinhos e não terem o apoio do outro, percebesse essa falta do outro ali, podendo caracterizar como desamparo, pois não era uma falta apenas superficial para fazer tarefas, mas uma falta da presença, do contato mais profundo. A saudade sendo principalmente da mãe na maioria dos casos, podendo perceber que o laço afetivo mais forte no núcleo familiar tende a ser os laços maternos. Um outro aspecto apontado foi o das datas comemorativas, seja aniversários ou feriados.

Novos hábitos surgiram, alguns positivos e outros nem tanto, a responsabilidade e o amadurecimento ocorreram de alguma forma em todos, viver sendo responsável por si mesmo faz com que se desenvolva tanto mentalmente

como emocionalmente, eles aprenderam a se autorregular de certa forma. Outra observação feita com esses estudantes entrevistados é que todos consomem álcool em confraternizações para relacionar-se melhor e para relaxar segundo eles do stress acadêmico, mais da metade dos entrevistados só tenha de fato começado a beber durante a faculdade, hoje eles constatam que virou uma rotina beber sempre que juntam os amigos, após um dia cansativo, bebendo de uma a duas vezes por semana normalmente.

Para lidar com a ausência dos familiares e amigos torna-se necessário criar alguma identidade de grupo, fazendo assim parte de novos grupos e criando novos amigos, ocupar o tempo com atividades para não se sentir só. Afinal ainda é indispensável o outro, alguém para estar ali e suprir as necessidades desse indivíduo que foi para uma nova cidade sem as pessoas próximas a ele. Entretanto quando essa necessidade do outro não é suprida o sentimento de desamparo prevalece, o indivíduo começa a não ver uma saída para suas situações e problemas, como ter tudo dependendo apenas de si mesmo e com cada vez mais cobranças?

Os jovens tiveram tanto experiências positivas quanto negativas no período de mais ou menos dois anos, com ressalva alguns casos que moram a menos tempo na cidade, eles identificaram um crescimento pessoal e desenvolvimento após o período de adaptação, aprenderam como conviver com outros, ter responsabilidade financeiras, domésticas e acadêmicas, lógico que os momentos de desespero estiveram presentes também. Tiveram que aprender a conciliar vida social e acadêmica, no começo era liberdade demais, muitos excederam o limite de diversão, festas e bebidas, tendo geralmente suas notas mais baixas no primeiro período de faculdade.

Depoimentos das entrevistas:

“Percebi que o medo de dar tudo errado foi desaparecendo, à medida que eu ia aprendendo a lidar com as situações sozinha. Hoje entendo que realmente existem situações difíceis de carregar, mas me sinto muito mais capaz e confiante de que eventualmente tudo vai se acertar.” (Design, IFF)

“Foi complicado ter que fazer tudo sozinha no começo, mas aprendi rápido, lidar com a vida social e os estudos foi muito tranquilo, na verdade eu sempre acho que estou sendo responsável demais e talvez não esteja

aproveitando essa loucura que todos falam que a vida universitária é.”
(Psicologia, UFF)

“Lido muito bem, antes exagerava na vida social, hoje eu consigo conciliar meu tempo e responsabilidades” (História, UFF)

“É meio apavorante não ter com quem contar por perto e ter que resolver coisas que você nunca resolveu antes sem ajuda nenhuma, mas tirando isso até que lido bem. A adaptação foi mais fácil do que eu pensei, eu já costumava fazer tudo em casa, então não foi uma mudança drástica. Os aspectos positivos é poder ter sua própria rotina e sentir mais livre, a pior parte pra mim foi a falta da minha mãe mesmo.” (História, UFF)

“Negativo foi a saudade, passar as datas festivas longe e estar completamente sozinha. Positivo foi que eu cresci muito.” (Física, UENF)

“Negativo é não ter minha família nem meus amigos por perto e quase não voltar para casa, mas a liberdade que tenho e fazer o que sempre quis é o ponto positivo” (Med. Veterinária, UENF)

UM RECORTE DE IDENTIDADES E GRUPOS

O ser humano para a sobrevivência e perpetuação da espécie sempre viveu em grupos, necessitando do outro desde seu nascimento, sendo uma condição humana a necessidade de ter relações com outros indivíduos. Klein (1969) indica que durante o desenvolvimento da criança, identidade, personalidade, o que vai constituir seu psiquismo será os objetos de relação. O ser se constitui a partir de outros, por isso a relação de grupos é fundamental para o entendimento das mudanças em um sujeito.

O grupo funciona como base para a construção de identidades, o indivíduo internaliza valores, regras, normas, condutas e a partir do grupo adquire necessidades e desejos, sendo um movimento contínuo, o indivíduo faz parte do grupo e o grupo faz parte dele.

O sujeito constrói sua identidade através da reunião contínua de intersubjetividades que se difundem e transformam toda essa construção em elementos socioculturais, construindo a partir daí sua identidade individual e grupal (Zimmerman, 1993), dependendo do tipo de estrutura sociocultural os grupos podem difundir ideologias. Através da incorporação social certo grupo manterá ou

transformará sua identidade, podendo determinar a manutenção do status social (Rouanet, 1983).

Para entender as mudanças ocorridas com esse deslocamento demanda-se considerar e analisar como estes jovens viviam e agiam antes de mudarem-se para Campos dos Goytacazes, quais eram suas relações familiares, quais grupos e identidades estes jovens identificavam-se. Alguns descobriram novas identidades com a vivência universitária, outros apenas reforçaram as que já possuíam, lógico que precisamos entender o contexto de cada curso e universidade, pois o contexto que este está inserido interfere nas identidades que os jovens podem incorporar.

As universidades federais tendem a ser mais liberais e ter mais pautas voltadas para o social que as privadas, os cursos ligados a humanas são os com identidades mais diversas e pautas sociais mais fortes, os cursos ligados a exatas e biológicas tendem a ser mais elitizados, tradicionalistas e abrangem um público de maioria ainda conservadora.

Depoimentos das entrevistas:

“Sempre me identifiquei com o grupo LGBT e hoje me identifico mais, pois aprendi a tomar partido da causa.” (História, UFF)

“A respeito disso creio que mudei pouco, não digo que não mudei nada porque a gente sempre muda, mas sempre me identifiquei com pautas de esquerdas e com o feminismo, a faculdade só me aproximou e aprofundou-me nesses assuntos. Mas nunca fui muito de me identificar com grupos e ainda me sinto assim.” (História, UFF)

“Eu tinha a cabeça muito fechada, mas com a faculdade consegui expandir meus horizontes, hoje levanto bandeiras que antes nunca nem pensaria.” (Ciências Sociais, UFF)

“Sempre tive muita liberdade, sempre tentei ler e conversar bastante, além de conviver com pessoas muito mais velhas que eu, isso fez com que eu tomasse conhecimento de muitas pautas, tive amigas bem críticas também, então a mudança me fez apenas reforçar e ter algumas mudanças internas como me aceitar mais, mas não me sinto parte de algum grupo.” (Psicologia, UFF)

“O grupo que mais me identifico mesmo é o da casa em que moro, e o grupo da faculdade. E a interação e convivência com ambos foi se dando naturalmente.” (Psicologia, UFF)

“Antes era bem bolha, uma coisa é imaginar e sonhar em ir pra longe, outra completamente diferente é ir.” (Física, UENF)

“Acho que a maior mudança mesmo foi ter saído da bolha-escola, para bolha-faculdade. O grupo de amigos de ambas tem basicamente o mesmo perfil.” (Agronomia, UENF)

“Olha não senti grandes diferenças não, ainda mantenho contato com amigos da escola, as únicas mudanças que senti nesse tempo que estou aqui e de ter responsabilidades maiores.” (Med. Veterinária, UENF)

“Por morar na casa da minha mãe eu não possuía uma visão do mundo realista, pensava que minha casa seria o único lugar que poderia me proteger das coisas ruins que acontecem no mundo, e que eu não teria capacidade de lidar com tudo sozinha.” (Design, IFF)

“Quanto ao que eu concordava muita coisa mudou. Antes eu era até antifeminismo, sendo mulher, isso claro, com influência do meio que eu convivia. Só saía com homem e as amigas que eu tinha também não eram por dentro dessas pautas. Eu andava com a galera hetero normativa e isso influenciava muito na minha identidade. Houve mudança, pois, hoje me identifico com o grupo LGBT, por ter me descoberto bi. O meio que eu vivia acho que influenciava no grupo que eu me envolvia. Estudava em colégio particular num bairro considerado meio nobre. Então...” (Enfermagem, Estácio)

Ao analisar as entrevistas percebe-se que após a mudança alguns sentiam-se em bolhas quando pensavam em como era sua vida antes, com a liberdade de estar em outros lugares ou dentro da própria universidade relacionando-se com novas pessoas, isto possibilitou a mudança de certas internalizações que possuíam ou as tornaram mais fortes. A mudança de identidades e grupos vai acontecendo devido ao contato com outros indivíduos, tornando-se necessário não apenas para sanar o desamparo, mas para que ocorram mudanças no próprio ser.

Depoimentos das entrevistas:

“Acho que uma das mudanças mais perceptíveis pra mim é a aceitação, me sinto mais confortável na faculdade, não sinto tanto a cobrança e a necessidade de ter que ser "bonita", então me visto como eu quero e saíu como eu quero.” (História, UFF)

“A coragem de falar o que eu penso para os meus pais e me tornar defensora de muitas causas.” (História, UFF)

“O olhar diferente para o outro. Além disso, a mudança de cidade me proporcionou um crescimento pessoal, quanto a fazer coisas que antes eu não fazia, dentre outras questões.” (Psicologia, UFF)

“Me tornei mais sociável, segura de mim mesma. Hoje admiro pessoas que vivem o que querem, sem desculpas.” (Física, UENF)

“Estresse.” (Agronomia, UENF)

“Eu me tornei uma pessoa com palavra agora. Antes sempre ficava quieta, preferia não falar nada para não ser reprimida ou algo do tipo. Mas agora sinto que tomei força para falar o que realmente sinto, se algo me incomoda ou não. Poderia dizer uma pessoa com a personalidade mais forte. Aqui estou inserida em outro meio, com amigos mais desconstruídos, mente aberta e tudo isso influencia no que eu penso de certa forma.” (Enfermagem, Estácio)

As mudanças de certa forma são entendidas e observadas pelos próprios indivíduos, alguns as veem como positivas e outros apenas como uma forma para um fim que seria a conclusão do ensino superior, lógico que o estresse é presente, a sociedade cobra resultados e sucesso, o sujeito precisa alcançar ou será um fracasso, na sociedade capitalista o fracasso é individualizado, caso fraqueje e desista a culpa é apenas sua, os jovens cobram-se muito e sentem o mal-estar de toda essa cobrança quando não atingem as necessidades impostas pelo externo e por eles próprios.

RELAÇÕES FAMILIARES

Quando pensamos em como o relacionamento com os pais se deu após a mudança, o estranhamento de ir para casa e se houve afastamento, percebe-se que em alguns casos ocorreu um afastamento, os estudantes não se sentem em casa quando visitam suas famílias, isso se dá devido à grande mudanças de alguns em relação a seus comportamentos e identidades, principalmente os que assumiram-se LGBT, logo estar em casa e não sentirem-se aceitos ou não poderem falar sobre pode causar um forte sentimento de desamparo, as pessoas que mais confiam e importam-se não são mais seu lar. Porém há também casos em que a volta para casa é normal, como se nada tivesse mudado. Mas algo comum a todos é a saudade.

Depoimentos das entrevistas:

“Quando volto me sinto um passarinho fora do ninho. Parece que não me encaixo mais e é incômodo demais. Pois fico me sentindo uma outra pessoa fora de casa, algo como duas caras. Meus pais também não foram muito receptivos a minha mudança de comportamento e isso tem causado muitas brigas. O que desanima de voltar para casa.” (Enfermagem, Estácio)

“Na casa da minha mãe é como se eu nunca tivesse saído de lá, não mudou muita coisa nas minhas relações familiares.” (Design, IFF)

“A faculdade sempre foi uma questão para mim e até hoje ainda é. Sempre tem um estranhamento quando eu volto pra casa dos meus pais, creio eu que é por causa da rotina que é bem diferente lá.” (História, UFF)

“O único estranhamento que tenho agora e quando volto para casa e vejo que nada mudou no pensamento de quem continuou ali.” (História, UFF)

“Acho que morar com pessoas que a priori não conhecia, seus jeitos, manias, etc. Acho que Campos ainda é estranho pra mim, porque só vou de casa para a faculdade e de faculdade para casa, não exploro muito a cidade. Quando vou pra casa dos meus pais é ainda confortável e ao mesmo tempo estranho, porque sei que aquele lugar não é mais meu, mas também sei que estará ali sempre para mim.” (Psicologia, UFF)

Ao perguntar como tem sido viver sem a supervisão dos pais, eles falam que aprenderam a ser responsáveis, a supervisionar-se ou tentar pelo menos, mas pelas novas rotinas e manias, além claro da forma como agem hoje e de sua liberdade talvez não soubessem mais como conviver com os familiares e nem pretendem isso. Os entrevistados pareceram adaptar-se bem e possuir uma rede de correlações boa que os mantêm estáveis na maior parte do tempo, fora que foi nítido que eles possuem de alguma forma o apoio da família mesmo não estando sempre presente, fazendo com que o desamparo no caso dos entrevistados não fosse tão visível.

Depoimentos das entrevistas:

“Não sei me auto supervisionar, porém tento. Viver sem a supervisão deles é bom, porém vi que nada mais do que nos beneficia. Mas não gostaria mais de ter eles me supervisionando, é frustrante.” (Enfermagem, Estácio)

“Muito bem, é bom saber que confiam e me apoiam, nosso relacionamento melhorou muito.” (Física, UENF)

“Conturbado, mas bem.” (Agronomia, UENF)

“Com a liberdade que tenho e a independência que adquiri não sei se saberia mais morar em casa, terminando a faculdade quero o meu lugar, voltar para casa não é algo que eu queira, mesmo amando minha família.” (Psicologia, UFF)

“Tento ser o máximo responsável possível, me cobrando a respeito de cada obrigação.” (Design, IFF)

Quando perguntados sobre qual seria a justificativas da forma que agem suas respostas podem ser entendidas como crescimento pessoal, evolução, amadurecimento, mas que isso ainda não acabou, toda essa construção vai continuar e eles entendem que podem amadurecer ainda mais. Tantos os momentos bons como os ruins ensinaram algo a esses jovens, eles descobriram mais sobre suas identidades nesse caminho chamado universidade e tiveram que ser responsáveis para viver sem supervisão, além de lidar com todo o estresse e cobrança.

Depoimentos das entrevistas:

“Uma evolução constante, me sinto muito satisfeita com quem me tornei.” (Física, UENF)

“Amadurecimento de ideias e comportamentos.” (Agronomia, UENF)

“Ajo principalmente pensando no meu bem-estar, já que sou a única responsável por isso agora, mas no geral penso apenas em trazer o mínimo de prejuízo para as pessoas e para mim mesma.” (Design, IFF)

“O meio mudou, logo eu mudei também. Tudo influenciou para minha mudança de pensamentos à comportamentos.” (Enfermagem, Estácio)

“Creio que o afastamento da sua família te dá uma liberdade pra ser quem realmente você sempre quis ser ainda mais na UFF que é um lugar onde tem gente de tudo quanto é jeito e que não há tanto julgamento.” (História, UFF)

“Diferente, mais firme ou madura, se assim posso dizer.” (Psicologia, UFF)

“Acho que cresci muito nesse tempo, consegui me desligar um pouco da minha mãe, nossa relação sempre foi incrível, mas ela me protegia demais do mundo, mas quero ser melhor que isso no futuro.” (Psicologia, UFF)

“Posso dizer que evolui de diversas formas, aprendi tanto com meus erros, hoje sou alguém melhor, mas ainda tenho muito a percorrer.” (Ciências Sociais, UFF)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pequena pesquisa, tenta entender como o deslocamento de jovens universitárias para Campos dos Goytacazes influenciou suas vidas. Como foi percebido muitos mudaram de certa forma seus comportamentos e começaram a identificar-se mais com um certos grupo ou pessoas, o afastamento do mundo conhecido, no caso a família e amigos antigos, fez com que pudessem sair da 'bolha', descobriram novas coisas, pessoas, grupos e lugares, vivendo novas experiência no ensino superior e na mudança de localidade.

Através dessa nova fase em suas vidas e sem a supervisão dos responsáveis tiveram que aprender a ser responsáveis, pois agora lidam com os problemas relacionados a convivência com outros, demandas acadêmicas, financeiras e domésticos. Além das cobranças familiares e da sociedade capitalista que quer resultados, gerando um alto nível de stress para que termine a faculdade em tempo recorde e com notas altas, precisando atingir as expectativas e todos e de si mesmo, além de ser capaz de passar a imagem de 'vida perfeita' nessa sociedade de espetáculos individuais das mídias sociais.

A grande liberdade que possuem hoje precisou ser entendida para conciliar com a vida social e acadêmica, entender que nem todas suas necessidades podem ser atendidas, sendo um fator para o adoecimento. A pós-modernidade construiu-se em cima da individualização, o sujeito precisa resolver suas pendências sozinho, precisar de ajuda é visto como fracasso, precisa chegar ao topo, mas sozinho. Logo isso faz com que não ocorra grandes laços, que tudo seja muito superficial.

O afastamento das pessoas próximas através da mudança de localidade faz com que esses jovens, que no momento encontram-se vulneráveis, possam sofrer de desamparo, pois o afastamento pode dificultar a quem recorrer nos momentos de crise, não ter a troca com o outro pode ser desesperador. Nas entrevistas isso foi sentido mais no começo da faculdade quando estes indivíduos ainda não possuíam uma estrutura de laços sólidas na cidade de Campos, mas seus laços familiares conseguiram de certa forma mantê-los são e hoje com novas identidade ou com as antigas mais reafirmadas encaixam-se por vezes em grupos, nem todos sentem-se parte de grupos, mas de uma maneira geral conseguiram contornar os problemas e

o desamparo com amadurecimento, responsabilidade e com a interação com o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. Visões da Pós-modernidade: discursos e perspectivas teóricas. *Sociologias*. 2011,

n.21, jan./jun. 2009, p. 184-217.

BELLONI, Maria Luiza. A formação na sociedade do espetáculo: gênese e atualidade do conceito.

Revista Brasileira de Educação [online]. 2003, n.22, pp.121-136

BAUMAN, Zygmunt. (2000). Em busca da política. Rio de Janeiro: Zahar.

BAUMAN, Zygmunt. (2001) Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar. Identidade. (2005) Rio de

Janeiro: Zahar.

BIRMAN, Joel. (2005) O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social.

PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva. 15(Suplemento):203- 224, 2005.

BIRMAN, Joel. (2006) Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: civilização brasileira.

BESSET, Vera Lopes. Angústia e desamparo. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. v.2 n.2, set. 2002.

CASTRO, Vinícius Rennó. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: Estudo empírico

com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. *Revista Gestão em Foco*. N.9, 2017.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na civilização [1930]. In: Edição Standard Brasileira das Obras

Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol.XXI,1986, p.75-174.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. (1979). Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. 2ªEdição, São Paulo: Editora UNESP, 1991.

KAPLAN, E. Ann (Org.). (1993). O mal-estar no pós-modernismo: Teorias e práticas. Rio de Janeiro:

Zahar.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento humano. Porto

Alegre: Artmed, 2006.

RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira. Desamparo psíquico. In: Desamparo psíquico nos filhos de

dekasseguis no retorno ao Brasil. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 87-104.

ROCHA, Zeferino. Desamparo e metapsicologia: Para suscitar o conceito de desamparo no contexto

da metapsicologia freudiana. *Síntese - Revista de Filosofia*. v.26 n. 86 (1999): 331-346.

ROUANET, Sergio Paulo. (1986). Teoria crítica e psicanálise. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

ROUANET, Sergio Paulo. (1993). Mal-estar na modernidade: Ensaio. São Paulo: Companhia das

Letras.

SILVEIRA, Celeste; NORTON, Andreia; BRANDÃO, Isabel; TORRES, António Roma. Saúde mental

em estudantes do ensino superior: Experiência da Consulta de Psiquiatria do Centro Hospitalar São João. *Acta Médica Portuguesa – Revista Científica da Ordem dos Médicos*. v.24(S2): 247-256, 2017.